

“EVA PERÓN, A MADONA DOS DESCAMISADOS” O ESPETÁCULO COMO ESPERANÇA E A REALIDADE COMO DRAMA

Yvone Dias Avelino
Adilson José Gonçalves*

Resumo

Ao observar a trajetória de Maria Eva Duarte de Perón, mito e história se confundem. Os registros variados, as diferentes linguagens e as modalidades de sua atuação política no contexto do peronismo lhe atribuem perfis díspares, mas complementares, compondo uma personagem ímpar na América Latina. Tanto nas suas relações com o poder quanto nas articulações com os segmentos marginalizados da sociedade, pretende-se, no artigo, pontuar, através da memória, das representações, os aspectos significativos dessa performance.

Palavras-chave

Memória; mito; representação; poder; discurso.

Abstract

As one observes the trajectory of Maria Eva Duarte de Perón, myth and history become confused. The different registers and languages, as well as her ways of influencing politics during Perón Era, make her a controversial but important character in Latin America History, either in political or in marginalised segments. This article aims at pointing out through memory and representations the meaningful aspects of her performance.

Keywords

Memory; myth; representation; power; discourse.

* Núcleo de História Social da Cidade (Grupo CORDIS) – Departamento de História, PUC-SP.
Professores do Departamento de História da PUC-SP.

Tudo, absolutamente tudo, neste mundo contemporâneo foi feito à medida do homem. Nós, mulheres, estamos ausentes nos governos. Estamos ausentes nos parlamentos, nas organizações internacionais. Não estamos nem no Vaticano nem no Kremlin. Nem nos estados maiores dos imperialismos. Nem nas comissões de energia atômica. Nem nos grandes consórcios. Nem na maçonaria. Nem nas sociedades secretas. E, contudo, estivemos sempre na hora da agonia e em todas as horas amargas da humanidade. É como se a nossa vocação não fosse substancialmente a de criar, mas a do sacrifício.

Eva Perón
*A razão de minha vida*¹

A multiplicidade de leituras a respeito de Maria Eva Duarte Perón traz às nossas reflexões discussões sobre as relações entre mito e história e memória e história. Confundem-se os personagens com os mitos e estes com os agentes sociais. A história vivida, e a representação da realidade estetizada, instiga o historiador e estimula-o a pensar novos paradigmas de leitura e fontes não convencionais de interpretação.

O fenômeno do populismo, na América Latina, teve suas expressões máximas nas figuras de Getúlio Vargas e Juan Domingos Perón. A própria sustentação do populismo exigiu a criação de estratégias de comunicação, de controle e de estímulo à produção cultural e à estetização do poder. Os dois personagens históricos, até hoje muito discutidos, foram objetos de manifestações artísticas consagradas pelo cinema, música, artes plásticas e pela literatura. Há décadas suas performances marcam a produção cultural. Interessante observar que ambos tornam-se personagens secundários, se pensarmos não só na quantidade, mas no caráter das obras produzidas sobre Eva Perón, então mitificado, que desafiando temporalidades continua cada vez mais atual junto ao público. As repercussões da sua figura atingem os representantes do poder instituído e as chamadas vanguardas políticas.

Sua imagem, construída por diretores de cinema como Alan Parker com *Evita*, e Carlos Augusto Desanzo, com *Eva Perón: a verdadeira história*, lançados recentemente, ainda continua incompleta, pois Eva Perón foi uma das mulheres mais notáveis do nosso século.

O filme de Desanzo leva a vantagem de ser mais abrangente, numa linha que enfatiza o peronismo, em cujo centro de agitação cultural está a figura de Evita. Peronismo, esse, distante da realidade vigente na Argentina de Carlos Menem – a importância

1 Perón, E. *La razon de mi vida*. Buenos Aires, Editorial Planeta, 1996.

dos sindicatos, a hostilidade à diplomacia inglesa e norte-americana, a preocupação social que a ligava aos humildes. A Santa Evita, tão bem retratada na obra de Martinez (1996)² vem sendo um exemplo a mais de como a história, a arte e a cultura seguem deslumbradas pelo tema. As diversas linguagens e formas de registro, sobre a trajetória do mito e a sua instituição ensinam a possibilidade de se lidar com as questões referentes à produção do saber, a partir das representações, estéticas que contribuem para a permanência viva da memória.

As relações/tensões no âmbito da cultura, as da tradição e as do instituinte (Foucault, 1987)³ desdobram-se em um universo rico de signos. Criam-se imagens, despontam símbolos, apontam identidades.

A profusão de textos culturais produzidos pela experiência/vivência e pela ânsia de registrar/flagrar, desejos, vontades, ruídos, silêncios, necessidades, possibilidades, projeta representações e expressa o imaginário social. Confundem-se as expectativas dos leitores e produtores de saberes especializados com a história vivida dos personagens, bem como suas memórias, lembranças e reminiscências.

A pretensão da objetividade do saber torna-se encoberta pela subjetividade dos diversos registros sobre a personagem e a realidade da qual emerge e contribui para caracterizá-la.

História, arte e cultura, nas suas múltiplas relações com as linguagens e as representações sociais, apresentam-se como um grande desafio à pesquisa (Francastel, 1982)⁴.

A realidade histórica, suas representações e registros mantêm um grande e constante interesse à interpretação. Muitos caminhos, várias possibilidades. Constantes inquietações, na busca das (in)determinações entre História, linguagem, arte e comunicação (Calabrese, 1987)⁵.

A arte é instrumento que faz mergulhar a sensibilidade do historiador num mundo mágico, numa super realidade condensadora, realidade mais real que a própria realidade, mescla de sonho, expectativa, esperança além da esperança. Instrumento para identificar o imaginário e as representações coletivas dos grupos sociais envolvidos nos acontecimentos.

2 Martinez, T. E. *Santa Evita*. Trad. Sérgio Moleira. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 59 e segs.

3 Foucault, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail, São Paulo, Martins Fontes, 1987, p. 165.

4 Francastel, P. *A realidade figurativa*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

5 Calabrese, *O Mar – A linguagem da arte*. Rio de Janeiro, Globo, 1987.

tecimentos e na formação do processo histórico. A arte faz aquilatar a relação e o nível das tensões existentes nas estruturas sociais, e nos apresenta as expectativas do “vir a ser”, o testemunho das possibilidades que não vingaram, dos planos que não se concretizaram. O historiador debruça-se sobre o texto artístico em busca de signos que apontam para o passado (Vovelle, 1991)⁶. Cabe a ele representá-los e representá-los, alvejando-os pelo ângulo das práticas sociais da época, como aconselha Foucault (Veyne, 1986)⁷, resgatando-os do limbo da abstração para apresentá-los na sua objetividade concreta e com os elementos da sua totalidade. Por meio do discurso estético penetra-se no mundo das consciências, no imaginário, nas representações coletivas, na medida em que essas justificam, sublimam, reforçam e condicionam as práticas sociais do indivíduo como protagonista dos acontecimentos e formador do processo histórico. Como afirma Koethe (1989)⁸, a busca do sentido do texto pode ser a busca da face oculta da História. Historicamente, por ocasião da vitória de Perón, em 1946, Evita é designada pelo cerimonial como “A Senhora”, envolvendo um código sutil de glorificações.

Não apenas como primeira dama, foi a única mulher presente à Conferência de Chanceleres Americanos no Rio de Janeiro. Consolidou a linguagem com grande talento e o estilo do peronismo, aperfeiçoando sua identidade, fundindo os temas socialistas, reformistas, antiimperialistas e antioligárquicos. Evita produziu um discurso agressivo às elites.

A presença significativa do movimento operário e das demandas sociais apontava para uma ruptura com a hegemonia oligárquica. Em circunstâncias adversas, seriam impossíveis as suas locuções.

O programa político, ao ascender Perón à presidência da República, era divulgado como um instrumento capaz de tornar a nação “socialmente justa, economicamente livre e politicamente soberana”, possibilitando uma maior participação dos trabalhadores na vida social e política do país. A esse programa foi dado o nome de “justicialismo”, chegando a ser referendado pelo Congresso, que o proclamou como “doutrina nacional”.

Perón é uma personagem histórica até hoje muito discutida e muito presente na Argentina contemporânea, e, exatamente por isso, os trabalhos existentes sobre ele pe-

6 Vovelle, M. *Ideologia e mentalidade*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

7 Veyne, P. *Foucault, revolucionaria a história*. Lisboa, Edições 70, 1986, p. 79.

8 Koethe, F. *Literatura e sistemas semióticos*. São Paulo, Cortez, 1989, p. 61.

cam pela falta de objetividade, apresentando visões e julgamentos arbitrários, parciais e às vezes até muito deformados.

Apesar disso, um dado ressalta e aparece em todos os trabalhos, mesmo naqueles em que é nítida a preocupação em procurar no contexto histórico a explicação para os acontecimentos – a sua indiscutível influência de líder de sua época. Essa importância foi tão grande que nos permitimos denominar o período da história argentina de 1945 a 1955 de Época de Perón.

Sua figura é contextualizada na época da Grande Depressão de 1929, que, ao ameaçar as formações sociais capitalistas européia e norte-americana, fez surgir um novo tipo de Estado, muito mais *intervencionista* que os anteriores, e guiado por uma ideologia *nacionalista*, o que é fácil de compreender, dada a subordinação econômica do Estado argentino ao capitalismo internacional.

Assim como na Europa e EUA, também na América Latina, o Estado, procurando uma base de apoio precisou fazer algumas concessões às classes menos privilegiadas. Apesar de haver muitas semelhanças entre a ideologia populista do “Varguismo” e do “Peronismo”, fica clara a existência de grandes diferenças na concretização dos dois regimes populistas, principalmente no que concerne à organização dos sindicatos. Diferenças geradas pelas próprias situações históricas diversas. No caso brasileiro, o sindicalismo começou após o regime populista de Vargas. Já na Argentina, o movimento sindical foi a base inicial da formação do regime peronista, dando-lhe apoio forte e significativo para sua ascensão. Além de tudo, a situação econômica do país foi agravada também pela custosa política salarial e pelo assistencialismo maternalista executado pela primeira dama.

Encontrou, a mãe dos descamisados, um interlocutor receptivo às suas críticas aos detentores do poder, que não poupavam esforços para criticá-la e enxovalhá-la, sobretudo quando a doença a destruiu. Era o confronto estabelecido que surgiu nas oportunidades mais desumanas e maléficas, das mais poderosas “najas argentinas”. Nos muros que ladeiam a estação Retiro, não muito longe da residência presidencial onde Evita agonizava, alguém pichou uma divisa de mau agouro: Viva o câncer (Martinez, 1996, pag.61).

As constantes mobilizações e manifestações de massas, bem como as singularidades das campanhas presidenciais e cerimoniais políticos, nas suas expressões junto ao povo, criaram para a personagem momentos privilegiados. A expressão dos seus ideais políticos e ideológicos foi se instituindo nas múltiplas relações com as expressões culturais.

Com acertividade, direcionamento e experimentação, fala aos famintos descamisados, apontando o instituído. Nada a detém, sua platéia a instiga a continuar e no palco da vida ela é a atriz principal. Representou anseios e criou expectativas em intrincados jogos de poderes, saberes e práticas. Assim se constituiu a singularidade de sua trajetória pessoal, nas urdiduras das tramas políticas e dos dramas subjetivos/objetivos de um ser angustiado.

Em 1948, organizou uma grande e forte mobilização feminina e sindical. Parla-mento e sindicatos ampliaram a participação da mulher após a sanção do voto feminino. Nesse mesmo ano nasceu a Fundação Eva Perón, aumentando sua influência, integrando-a no tripé do poder, junto com a CGT e o Exército. Constava a Fundação de uma enorme rede de hospitais, escolas, farmácias populares, enfermarias com escolas de enfermagem e um jornal intitulado *Democracia*. Era um estado dentro do Estado, onde em momento algum da vida político social argentina alguém tivera tanto poder. Escutava e convivia com os excluídos, donde o ato de doar tinha simbologia conscientizadora e não apenas formal.

Eva inspirou e atuou com Perón e ambos esculpiram os diversos componentes do pensamento popular, desprezado pelas camadas cultas, numa cultura específica, operária, capaz de gerir todo processo produtivo. O nome pobre e desprotegido de Maria Eva Duarte, depois acrescido de Perón, confunde-se com o de Evita, flamante, batalhadora e fiscalizadora dos acordos trabalhistas – preocupada com a justiça social e a distribuição da renda.

Juan Domingos Perón, ao lado de Eva Perón, conseguiu de forma carismática determinar um sistema político que deixou sua marca profunda na Argentina, disseminando-se na América Latina.

... Ela não é somente a guia e a porta-bandeira de nosso movimento, ela é também sua alma e seu exemplo. Por isso, como chefe deste movimento peronista, faço pública minha gratidão e meu profundo agradecimento a esta mulher incomparável de todas as horas... (Juan Domingo Perón, 17 de outubro de 1951. Única referência elogiosa à sua esposa num ato público.)

Os opositores dizem que isto é fanatismo, que eu sou fanática por Perón e pelo povo, que sou perigosa porque sou demasiado sectária do General Perón e dos descamisados da Pátria. Eu respondo com Perón. O fanatismo é a sabedoria do espírito.

Que importância tem ser fanático na companhia dos mártires e dos heróis? (Eva Perón, *Discursos*.)

Ambos, em suas falas, conclamavam a relação do ideário político populista enaltecendo as qualidades mútuas e o perfil da liderança.

Falar de Eva, de sua ação política é trazer para o cenário a atriz central, a primadona. Não podemos privar os espectadores do grande espetáculo. É ela considerada “chefe espiritual da Nação” por ter exercido forte influência entre o povo e os grupos que compunham os descamisados (Ortiz, 1996)⁹.

Sim, claro que é um melodrama!

Tudo na vida dos humildes

É melodrama... melodrama de mal gosto, barato e ridículo para os homens medíocres e egoístas.

Porque os homens não inventam a dor.

Eles a suportam. (Eva Perón, *La razon de mi vida*)

Tais afirmações nos dão nítidos indícios da forte preocupação da madona dos Descamisados com a questão social que tanto a notabilizou, razão pela qual ela passou a ser o mito que a esquerda idealizou nos anos 60 para resgatar o “sentido classista” do peronismo.

Outro dos aspectos que scandalizou a oligarquia dominante e o pensamento conservador, na trajetória de Eva, foi o da liberação da mulher. Despontou em um momento em que as novas reivindicações femininas começavam a surgir na América do Norte, movimentos esses que estavam totalmente deslocados dos ideários políticos argentinos de esquerda ou de direita, igualmente dominados por uma perspectiva machista. Podemos, sem receio de erro, afirmar que uma das bases teóricas do incipiente movimento de liberação da mulher na Argentina tem em Eva Perón uma de suas mais fortes precursoras.

Não sei quem foste, mas te arriscaste. Desviaste o Riachuelo para a Plaza de Mayo, Introduziste as mulheres na história arrebatando os microfones, repartindo vinganças e esmolas. Bruta como um diamante num chiqueiro. Quem vai te atirar a última pedra?

Talvez um dia nos juntemos para invocar tua insólita coragem. Todas, as Contreras, as Idólatras, as mães incansáveis, as rameiras, as que te amaram, as que te maldisseram, as que, obedientes, jogam seus filhos na lixeira da guerra, todas as que agora no mundo se fraternizam sublevando-se contra a aniquilação. (Maria Elena Walsh, *Eva – Fragmento*)

9 Ortiz, A. D. *Eva Perón, a Madona dos descamisados*. Trad. Clóvis Marques, Rio de Janeiro, Record, 1977, p. 93.

Essa questão dispensa maior aprofundamento pois a sua vida o explica nitidamente. Criada em uma família cujos pais viveram em concubinato, durante muitos anos, de cuja união nasceram cinco filhos, sendo Evita, a caçula.

Membro do Partido Conservador de Chivilcoy, o pai Duarte tinha outra família constituída e legalmente reconhecida, também com vários filhos aparentados com os notáveis da cidade. O velho Juan Duarte morreu em um acidente de carro, e foi no velório que a mãe, Juana Iburgurem, disputa o seu direito e dos seus filhos. Foi a única vez que Evita viu seu pai, que tinha abandonado a mãe, antes dela nascer. Mais parecia uma cena de certo dramatismo, mas vista de outra forma, e tirando-lhe um pouco do patético confronto entre a vida e a lei, é uma disputa pelos nomes de famílias, como as disputas medievais que pregavam que os nomes são formas de conhecimento que devem permitir avançar na realidade. A atitude tomada pela teimosa Dona Juana, ao irromper no velório disposta a desvendar e agredir os segredos de família, marcou de forma indelével a necessidade de ascensão social na pequenina Evita. Tirânico gesto político – é a estigmatizada que apresenta a verdade perante o mundo, à frente de um ataúde. É a humilhada que age com convicção de que em todo humilhado há uma obscura razão a sustentá-la. É intolerável ser injustiçado, e as reações tomadas, violentas ou não, demonstram a necessidade que tem o ser humano de justiça.

Eva Duarte Perón faz da sua vida um palco e do palco a sua vida. A ascensão social rápida, por que passou até conhecer o militar Perón, antes de ser presidente, deu-lhe forças para lutar pelo que acreditava – a justiça aos desamparados.

Enquanto Perón representava o aparato militar, ela representava o espetáculo, com todas as contradições e expressões entre a personagem-mulher e o mito.

Os representantes do poder apresentavam-se como um modelo da célula mater social – a família. Eva colocava-se como a Senhora atenta e preocupada com as experiências das vidas individuais e das expectativas sociais. Atuava junto às massas, não só atendendo e criando estratégias para responder as necessidades, mas, principalmente, como conselheira, orientadora, das mazelas familiares dos sujeitos menos privilegiados.

Suas ações implicavam interfaces com as várias esferas da administração, alcançando repercussões no âmbito da vida privada, das crenças e no imaginário popular.

“Chefe espiritual” da nação, catalizava e potencializava o misticismo e a religiosidade, desterritorializando suas bases tradicionais. Refuncionalizou os rituais católicos e indígenas em grandes expressões do cerimonial político, quer nas campanhas, quer na própria sustentação do poder instituído.

Evita, a madona, orientou pais e filhos. Com as crianças, pratica ações e orações expressivas nas experiências que compõem o imaginário e as imposições culturais:

Senhor, tu és o único que vê as intuições. A Ti não se pode enganar com discursos. Tu sabes, que o General Perón é bom e que Evita é boa. Se não o fossem, em vez de pensarem nos pobres, pensariam nos ricos para aproveitarem-se deles. Porque os ricos são os donos dos bancos, e do ouro do mundo e voltam mais para fazer a guerra para não perderem o ouro que acumularam. O General, seguindo o exemplo de Jesus, buscou seus amigos entre os pobres. Defende o General Perón de seus inimigos. Protege a sua saúde, a sua tranquilidade. Ilumina sempre seu coração que também nos quer.

Protege seu sorriso para que nos dê alegria e confiança. Aumenta seu poder. Concede saúde a Evita que sempre o acompanhou e ama a nós as crianças. Nós não conhecemos a história de outro governante que também tenha se esforçado, como o General Perón, para cumprir o que Tu Senhor disseste: Deixai que as crianças se acerquem de mim. Ele o tem feito sempre. Escuta Senhor nossas preces na noite do nascimento do nosso Deus.¹⁰

Marcou, através dos rituais sagrados, a necessidade de intervir na formação das crianças, enquanto elementos de controle e orientação ideológica. Pretendeu, assim, disseminar os valores do peronismo e justificar sua atuação. Contribuiu com a profusão de textos, discursos e falas cotidianas junto à massa trabalhadora, para a crescente mitificação de sua imagem. Nunca separou disso a sustentação e idealização do Presidente/Pai e da Pátria/Família, amada. Era a visão da grande família em comunhão.

Cada vez menos, torna-se possível o gerenciamento do Estado argentino sem a sua presença e a sua intervenção.

O general fica um pouco zangado comigo por essas extrapolações do meu método desordenado de trabalho. Mas não posso com o meu gênio... talvez porque esteja à frente mesmo da luta, e ele, no comando supremo... (Eva Perón, *La razon de mi vida*)

Suas atuações e falas formalizavam o princípio da relação com as massas, da estandarização e estetização do poder, transformando os momentos de convívio público em grandes espetáculos de representação gestual e retórica.

Sem formalismos, a rainha dos descamisados rompeu com todos os protocolos. Ela não tinha horários nem ordem. Trabalhava freqüentemente até altas horas da noite, transformando hábitos boêmios da sua época de atriz em ações de assistência social, as mais inusitadas. Quando chegava no lar presidencial, onde os hábitos eram austeros,

10 Perón, E. *Mi message*. Buenos Aires, Ediciones del mundo, 1987.

na maioria das vezes, os relógios marcavam a madrugada. Passava as noites nas suas tarefas, retornava ao romper do dia, cansada, mas sempre satisfeita nessa labuta de bem fazer ao irmão menos favorecido.

Eva Perón é um instrumento de minha criação.

Preparei-a para que fizesse o que fez.

E sua obra foi extraordinária...

Minha vida ao seu lado fez parte também da arte da condução. Como político, sou apenas um aficionado. A área em que sou profissional é a liderança... O papel que Eva desempenhou foi o da providência. (Juan Domingo Perón)¹¹

Perón portava-se de maneira formal e seus discursos eram pontuais. Eva apresentava-se como elo de ligação, meio, como ponte de associação entre o poder e as emergências sociais. Exagerava nas jóias, e chegou a dizer a seus colaboradores que as usava “para dar o que falar à oligarquia” (Sanchez)¹².

Aquelas jóias eram objetos mágicos, que podiam ser usados ou não, pois a dama continuava a mesma. Evita legou-as em testamento ao povo argentino, desejo esse que nunca se concretizou porque não foi respeitado.

As falas e o cerimonial político do casal, suas relações com a imprensa quase que insinuavam o perfil de uma monarquia, na qual o rei/presidente era a perfeita harmonia com a austeridade militar e protocolar e a rainha/primeira-dama era a descontração, o sorriso e a alegria personificada.

A oposição cobrava do governo temas educativos e ações congêneres.

Eva não se descuidou dessa meta. Ao contrário, as crianças e as mulheres sempre estiveram sob o seu manto protetor debaixo do seu olhar vigilante.

As escolas, creches, enfim o sistema educacional implantado tinha por princípio o conhecimento associado à alimentação e aos hábitos higiênicos. O cotidiano nas escolas-modelo também profissionalizava os pais, e esse convívio era utilizado para estabelecer valores familiares. Os alunos mais capacitados eram aproveitados em lugares mais distantes, e para alunos menores, criavam-se cursos de treinamento, chamados “Flores de Ceibo” (planta natural dos pampas argentinos).

11 Peña, M. *El Perónismo: seleccion de documentos para la historia*. Buenos Aires, Ediciones Fichas, 1973.

12 Sanchez, M. et al. *Evita: imagens de uma paixão*. São Paulo, Companhia Melhoramentos D.B.A. Artes Gráficas, 1997, p.102.

Nas províncias foram construídas mil escolas e foi criada a Cidade Infantil, adaptada ao tamanho de seus habitantes, crianças de dois a sete anos, onde os pequenos seres sentiam-se em um mundo seu, feito às suas medidas. Ali tudo era vida, tudo era imaculado, e a própria autora dava o toque final em todos os detalhes. Era um cotidiano carinhosamente construído, para a obtenção do conhecimento, algo que em muito ultrapassou a lindíssima Cidade dos Pequeninos dos portugueses de Coimbra, com toda a sua originalidade. Não se tratava de um lugar turístico, mas de uma meta educacional muito bem elaborada.

Nos negócios do Estado, a Educação e a Saúde sempre passaram pelo seu olhar atento. A assistência social ultrapassou os muros da mera caridade temporária. O plano faliu porque a principal articuladora teve uma morte precoce.

Consciente da doença que gradativamente foi minando suas forças, não se abateu, e nem abandonou qualquer uma das suas atividades. Ao contrário, passou a agir de forma mais agressiva, mais contundente, utilizando e consultando seus colaboradores a qualquer hora do dia ou da noite. Era um “exército” de prontidão a serviço dos seus descamisados.

Num frenesi ininterrupto, deslocava-se do atendimento no escritório, ao acompanhamento das obras públicas, às visitas aos despossuídos da sorte, nas mais distantes periferias de Buenos Aires.

Pouco se falava na doença de Eva. À imprensa eram evitadas informações sobre o mal que a acometeu. Ela própria não se permitiu um tratamento mais pontual, talvez temendo a morte. Não deixou de estar presente em nenhum momento expressivo do cerimonial, por conta de uma cirurgia. Tardiamente foi submetida a um tratamento mais sistemático, e poucas foram as notas do seu estado de saúde. Isto aparece com mais frequência ao aproximar-se da fase terminal.

Quando tornou-se impossível camuflar sua real condição, no estágio final da doença, articularam-se espontaneamente, ou orquestradas pelo poder, manifestações de massa. A idéia mística, da mitificação, aí se concretizou no seu nascedouro, pois os cultos religiosos, a fé sentida e praticada, contribuíram para enaltecer a importância desta mulher, cuja trajetória foi tão contraditória. Correta militante para uns, enganosa e aventureira para outros (Sebreli, s.d.)¹³.

13 Sebreli, J. J. *Eva Perón: aventurera o militante?* Buenos Aires, Editorial La Pleyade, s.d.

Em uma situação em que os conflitos com o exército eram agudos, assim como com a oligarquia fundiária e com alguns setores da Igreja, Evita estrategicamente ausentou-se de uma manifestação convocada por Perón e pela C.G.T. A multidão, reunida na Praça de Maio, reivindicava sua presença. Impossível, não tinha mais forças para representar seu papel, altivo, sereno, alegre e sempre deslumbrante neste espetáculo. No entanto, para satisfazer o anseio popular, marcou sua presença através do Rádio. Com voz embargada pede aos seus ouvintes, à sua platéia: “Roguem a Deus para que me devolva a saúde (...) Não por mim, senão por Perón e por vocês, meus descamisados” (Ortiz, 1995)¹⁴.

A trajetória dos seus tormentos físicos foi acompanhada pela idolatria popular, que ampliou de forma significativa sua projeção. As multidões se integraram em seus compassos de espera, sua coreografia de angústia, lástima, desespero e esperança no imponderável.

A madona tão querida poderia milagrosamente salvar-se da morte, pois tantas vezes no imaginário popular fez milagres paupáveis, no que tange à satisfação de suas necessidades. Não poderia, agora, abandoná-los à própria sorte. Acreditavam que a sua ausência representaria a perda da posição que o mundo do trabalho ocupava na grande pátria. Era o escudo da política peronista. Não, Evita não poderia deixá-los órfãos!

A situação política era tensa. O peronismo estava sendo rechaçado pela oposição civil e militar, que decretava e articulava-se no sentido de estabelecer uma derrota exemplar ao líder. No seu suplício, Evita encontrou forças para mais uma vez falar à multidão reunida em frente à Casa Rosada. Do balcão, com a imagem pálida, o corpo esquelético, mas segura dos seus princípios ideológicos, lançou, a primeira dama, um desafio no final da vida. Arregimentando forças contra os inimigos, assim se pronunciou:

Cuidem do general (...) Olhem que é débil e pode acontecer o pior. Cuidem para que não se perca o que fizemos. Vigiem-no como, sempre, eu tenho feito para que não se desmoroque quando eu me for (...) Se preciso faremos justiça com as próprias mãos. Eu peço a Deus que não permita que esses insensatos levantem a mão contra Perón, porque aí nesse dia, meu general, morta ou viva, eu sairei com as mulheres do povo, sairei com os descamisados da pátria, para não deixar pedra sobre pedra que não seja peronista. Porque nós não vamos deixar que nos esmague a bota oligárquica e traidora dos vendedores da pátria que têm explorado a classe trabalhadora (...) Viremos para fazer justiça com as próprias mãos. (Eva Perón, 1^a de maio de 1952.)¹⁵

14 Ortiz, op. cit.

15 Perón, E. *Clases y discursos completos (1946-1952)*. Buenos Aires, Editorial Megafón, 1987.

Palavras premonitoras. A sua morte foi transformada em baluarte de sustentação do poder. Sem Eva, Perón era uma carta fora do baralho e ficou abalado com as manifestações populares no cortejo fúnebre. “Não sabia que a amavam tanto”, chegou a confessar.

O pranto popular foi controlado pelo Estado que não perdeu oportunidade de discipliná-lo.

Não há a menor dúvida de que nesses dias de agosto, o povo argentino demonstrou espontaneamente seu amor por Evita e sua dor.

Embora, quando o velório chegava ao fim, não faltassem pressões para assistir a este, as demissões para quem não quisesse usar luto e as visitas organizadas e forçadas à câmara ardente. (Marysa Navarro)¹⁶

O país de luto ouviu a transmissão longa, ao vivo, naquele dia de 9 de agosto de 1952, de grande comoção popular. Durante o velório, coroas de flores foram içadas, até encobrirem todo edifício da C.G.T. (Confederação Geral do Trabalho), respeitando o último desejo de Evita, a companheira dos operários.

“O povo acende um rio de fogo em homenagem àquela que queimou sua vida numa chama de amor e sacrifício”. (Manchete do jornal *Democracia*, 27 julho de 1953, no primeiro aniversário de sua morte.)

A política argentina tomou outros rumos e um golpe militar alijou Perón do poder. O cadáver, mumificado, de Eva Duarte Perón permaneceu na sede da C.G.T., durante os três últimos anos do regime populista. Tal fato passou a ser um desafio e causou uma imensa preocupação aos generais golpistas.

A residência oficial do casal governante foi destruída e no local construído o prédio da Biblioteca Nacional. Nada podia lembrá-los. Não queriam os militares que restassem vestígios de suas presenças. Porém a múmia era uma ameaça simbólica permanente.

Eva morta foi motivo de uma insegurança maior do que já havia sido em vida. Era preciso escondê-la, para que o esquecimento gerasse outros valores políticos. Era necessário apagar a memória. Os militares deslocam-na constantemente para, por fim, encontrarem um lugar propício ao que se propunham – evitar um exacerbado misticismo à Santa Evita.

16 Navarro, M. *Evita*. Buenos Aires, Editorial Planeta, 1994.

Em cada local onde era depositado e escondido o corpo, por diversas e perplexas vezes, sempre amanheciam flores e velas ao seu lado. Essa visão estranha irritava e amedrontava os algozes do poder. O mito tinha tal força que passou a ser o alvo central do *staff*. Sem a solução desse problema não era possível o pleno exercício da ditadura.

Após várias cenas, algumas até patéticas, os despojos do mito foram levados à Europa, para receber sepultura, na Itália. Acordos com o Vaticano tornaram a iniciativa possível.

O corpo mumificado estava tão impregnado no imaginário político que, mais tarde, transformou-se o seu traslado, depois de 18 anos, em um pomposo e concorrido enterro na Argentina, que acabou por transformar-se em uma baderna da luta do peronismo de esquerda nos anos 60 e início dos 70.

Os jovens de esquerda passaram a idealizá-la, como a representante principal dos interesses e anseios dos novos segmentos populares, articulados com os movimentos sociais. Símbolo de resistência e mártir de transformações radicais da sociedade, Evita volta, morta, à Argentina de forma apoteótica. Ao ser trasladada, as manifestações foram dignas de um grande líder. Nem a volta definitiva de Perón, em 1973, da Espanha, empolgou tanto as massas, mesmo tendo a presença de mais de um milhão de pessoas.

Após anos de ditadura militar e de governos civis, os peronistas ainda tentavam rearticular o antigo movimento, tendo em Evita uma fonte de inspiração. Ela pulsa até hoje nos corações apaixonados de seus admiradores e está impregnada nas agremiações políticas. Eis o plano da esquerda que clamava o retorno de Perón. A atriz, ou sua imagem, voltava à cena. “Voltarei e serei milhões” concretizava-se como um paradigma político, dos montoneros, que precisavam de uma base social. Eva era a porta-bandeira da revolução da “ala esquerdista”. Sua luta contra a oligarquia tornou-a uma heroína guerrilheira – a esquerda se aproximou por essa via dos segmentos operários.

Excepcionais são aqueles que, uma vez tendo chegado ao cume do poder, são capazes de despojar-se de todas suas conquistas para descer outra vez ao chão, à luta, a dar a vida em defesa dos oprimidos. A Argentina ostenta o privilégio de possuir dois desses heróis. Suas imagens são empunhadas como bandeira, seus nomes são lançados como gritos de guerra nas marchas revolucionárias, nos desfiles de protesto e nas rebeliões dos oprimidos do mundo. Esses heróis são Eva Perón e Che Guevara. (Padre Hernán Benitez, confessor de Eva Perón, 1973, identificado com a Teologia da Libertação).

Hoje, seu corpo repousa no mausoléu da família Duarte, no elegante bairro da Ricoleta, sendo alvo de um constante culto. Seu túmulo está sempre ornamentado com flores vermelhas que simbolizam uma adoração que ultrapassa a vida e a morte.

Deixei de lado os meus sonhos para velar pelos sonhos dos outros; esgotei as minhas forças físicas para reanimar as forças do meu irmão derrotado. Minha alma o sabe, meu corpo o sente. Agora, ponho minha alma ao lado da alma do meu povo. Ofereço a vocês todas as minhas energias, para que meu corpo possa ser uma ponte estendida em direção à felicidade de todos. Passem por ela... Façam dela o caminho para o supremo destino da nova pátria. Dar-me-ei por inteiro. (Evita, Discursos, 1949.)

Evita também se transformou em tema da indústria do rock. As formas carismáticas da sua atuação política com as multidões foram captadas pelos meios de comunicação. A época de Perón e de Eva teve um forte caráter teatral e cinematográfico. Um novo público a aplaude, conduzido pela indústria da cultura de massa.

Não chores por mim Argentina
Na verdade, nunca os abandonei
Nos meus dias selvagens,
Na minha louca existência,
Mantive minha promessa
Não se afastem de mim.

(Tim Rice, *Don't cry for me, Argentina*, da ópera *Rock Evita*)